

**A VOLTA DO DISCURSO PELA IMAGEM:
A Segunda Investida de Manchete Esportiva (1977-1979)**

André Alexandre Guimarães Couto¹

Resumo: A revista *Manchete Esportiva*, criada pelo grupo Bloch Editores em 1955, nasceu com uma proposta de noticiar os principais eventos sobre o esporte no Brasil e também no mundo. No entanto, apesar do seu título propiciar um entendimento de que poderia ser uma cobertura múltipla e poliesportiva, o que percebemos era uma dedicação bem desequilibrada da cobertura jornalística em favor do futebol.

Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar as principais representações sociais criadas por este importante periódico no período a ser estudado, ou seja, de 1977 a 1979. Cabe, todavia, informar que *Manchete Esportiva* circularia semanalmente durante dois principais períodos: entre 1955 e 1959 e entre 1977 e 1979. Comentaremos, neste trabalho, a sua segunda fase.

Palavras-chave: Imprensa Esportiva – Imagens Esportivas – Manchete Esportiva

A revista *Manchete Esportiva*, criada pelo grupo Bloch Editores em 1955, nasceu com uma proposta de noticiar os principais eventos sobre o esporte no Brasil e também no mundo. No entanto, apesar do seu título propiciar um entendimento de que poderia ser uma cobertura múltipla e poliesportiva, o que percebemos era uma dedicação bem desequilibrada da cobertura jornalística em favor do futebol.

Este periódico, no entanto, repetia o princípio dos demais jornais e revistas, especializadas ou não em esportes: ou seja, o futebol já dominara as páginas em relação às demais modalidades ou práticas esportivas e tal fato remontava algumas décadas passadas como a década de 1920, por exemplo.

Manchete Esportiva circularia semanalmente durante dois principais períodos: entre 1955 e 1959 e entre 1977 e 1979. Comentaremos, neste trabalho, a sua segunda fase, apesar de termos a primeira como referência do periódico estudado.

Cerca de 18 anos depois do encerramento de suas atividades, *Manchete Esportiva* renascia nas mãos do mesmo grupo editorial: a Bloch Editores, porém, agora, com um novo editor, Zevi Ghivelder, jornalista muito influente na família Bloch. Com esta escolha, entendemos que o projeto de relançamento da revista teria que passar pela cabeça e mãos de

alguém de muita confiança de Adolpho Bloch. Outra importante pessoa desta fase era Ney Bianchi, antigo repórter da revista na década de 1950, e que, no momento, assinava pela editoria executiva do periódico. Bianchi também escrevia como colunista da revista.

O ano de 1977 seria importante para o futebol brasileiro. Mesmo não tendo uma competência profissional para organizar um campeonato nacional considerado lucrativo e bem planejado tanto para os clubes quanto para as federações, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) atingiu o recorde de 62 clubes na disputa do Campeonato Brasileiro. Estando o país ainda sob o período de ditadura militar, mesmo que possamos considerar que, neste exato momento, a linha dura do exército que tinha muita influência nas decisões do governo começava a perder força, a CBD era controlada por membros do oficialato militar. Uma das alegações para o aumento constante de mais clubes na primeira divisão do campeonato era permitir que mais regiões brasileiras fossem atingidas pela organização do esporte mais popular do país. O projeto tecnicista de integração nacional dos militares ganhava, com o futebol, um forte aliado para suas pretensões.

Desta forma, a revista semanal é lançada em 18/10/1977, cobrindo a abertura do campeonato nacional de futebol. *Manchete Esportiva* mantinha sua tradição de cobrir essencialmente o futebol, apesar de manter espaços para outros esportes.

Apesar do nome, do grupo editorial, dos jornalistas e fotógrafos que ainda trabalhavam na revista, podemos informar que a publicação era praticamente outra. Não por acaso, a revista começa do número 1.² No conteúdo dos primeiros números, fica claro de que a ideia a se constituir para o leitor era de que a revista seria uma grande novidade:

A ESPORTIVA entra em campo

*Todo o mundo esportivo, publicitário e do jornalismo esteve presente ao lançamento da mais nova publicação de Bloch Editores. MANCHETE ESPORTIVA nasceu, assim, sob o signo da confraternização entre profissionais que fazem do esporte sua vida e sua verdade. Autoridades civis e militares, presidentes de clubes, dirigentes de federações e confederações, atletas e demais convidados compareceram às sedes de Bloch Editores no Rio e em São Paulo, para levar seu abraço, prestigiando desta forma mais uma importante iniciativa no campo gráfico. Assim, a entrada em campo de MANCHETE ESPORTIVA foi, sem dúvida, a grande jogada do mês. **E ela chega para cultivar a grande paixão do nosso povo: o esporte, em especial, o futebol.** (Manchete Esportiva, 25/10/1977. Grifo nosso)*

Portanto, não se fazia referência à primeira fase da revista, muito por conta de não recordar o seu final melancólico, nem para que a novidade fosse obscurecida por um passado

ainda próximo. Havia um apelo nítido pela descontinuidade da fase anterior, como se praticamente ela não existisse.

O uso do nome, entretanto, era necessário, pois representava o símbolo do grupo.³ A revista *Manchete*, principal publicação da empresa e que tinha municiado as iniciativas no campo do jornalismo esportivo, conseguia vencer a crise do final dos anos 70, quando, dentre outros problemas, ocorreu um aumento significativo do preço sobre a importação do papel para a imprensa brasileira (BARBOSA, 2007).⁴

Conforme destacamos, a matéria informava ainda que o grande propósito deste lançamento seria a cobertura do futebol, explicitando de forma clara e objetiva o que viria adiante e o que significaria o termo jornalismo esportivo para o Grupo Bloch.

Sobre o seu conteúdo, destacamos a manutenção da opção pelo fotojornalismo esportivo com uma grande novidade: a existência de uma série de colunas destinadas aos cronistas esportivos, que dividia a revista com as imagens ampliadas de outras matérias. Inicialmente, existiam 19 cronistas, porém, mais 3 seriam acrescentados logo a seguir. Os estados de Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul estavam representados em todas as semanas e quase sempre o tema era a atuação dos times destes estados no campeonato de futebol.⁵

As colunas dos cronistas não dispunham de imagens específicas (a não ser pela fotografia estilizada dos próprios jornalistas) e, desta forma, portanto, não disputavam espaços específicos com as grandes imagens, marca da revista. Em outras palavras, e principalmente comparando com a primeira fase, o texto agora era muito mais valorizado, tanto em relação ao número de cronistas, quanto na qualidade das análises, como, também, nos espaços próprios nas páginas da revista.⁶

Dentre outras características, podemos citar a existência de um setor de cartas, que funcionava também como um tira-dúvidas do futebol. Nesta parte, além dos elogios destinados à revista e/ou iniciativa desta nova publicação esportiva, a interatividade com o leitor se fazia por conta do diálogo gerado por meio dos questionamentos e curiosidades em torno do futebol. Quem foi o artilheiro do campeonato X ou por quais clubes o jogador Y atuou ao longo de sua determinada carreira eram perguntas comuns nesta coluna específica. No entanto, tratava-se de um canal comunicativo bem pontual e factual, sem grandes análises e discussões aprofundadas sobre o esporte.

Em todo número o leitor também se deparava com um suplemento técnico-informativo para acompanhamento dos jogos da Loteria Federal, com a análise dos times, cotações, percentuais de probabilidade, comentários etc. Era uma espécie de minipublicação, “de bolso”, com a intenção de atender às expectativas do aficionado do jogo, não só o “jogado”, mas, neste caso, o apostado. Quem gostava de apostar na Loteria Federal, encontrava na *Manchete Esportiva*, com este suplemento, um importante aliado, pois os analistas da revista tinham o objetivo de informar o “estado da arte” da situação técnica e tática de cada time envolvido naquelas partidas. Informação, opinião e uma dose de previsibilidade se misturavam no suplemento técnico, gerando maiores possibilidades de vendas para o grupo Bloch.⁷

Dentre as chamadas grandes matérias fotojornalísticas, podemos citar, além das comumente publicadas acerca do futebol e até mesmo de outros esportes, algumas séries especiais como, por exemplo, “Os nossos melhores laterais” ou “goleiros” etc. A cada semana procurava-se valorizar três grandes principais elementos: a do próprio futebol como esporte a ser elegido como o mais representativo em nosso país; a da própria identidade brasileira, ao optar pela escolha tão somente dos jogadores nacionais e não de outros países, por exemplo; e, finalmente, a da individualidade, quando, para cada jogador, discutia-se os principais aspectos de suas respectivas técnicas e características individuais, apesar do futebol ser um esporte essencialmente coletivo.

Além do suplemento técnico informativo, outra ferramenta de fidelização do leitor era bastante utilizada pela editoria: a publicação dos pôsteres dos campeões estaduais nas páginas centrais, que facilitava o destaque pelo leitor. Uma expectativa semanal se fazia presente por conta da visualização não apenas do próprio time que fosse campeão naquele ano, mas de qual equipe seria selecionada para ilustrar o meio exato da revista. Nesta iniciativa, os editores conseguiam tornar a revista uma publicação de caráter nacional, pois atendia a todos os estados. Pouco, na verdade, diante das possibilidades de cobertura do futebol em todos os cantos da federação. Apenas um pôster do campeão do Acre, por exemplo, não dava conta da realidade do esporte ou mesmo do futebol neste estado.

Outra coluna importante, que também poderia gerar expectativa pelos leitores era a chamada “Sim e Não”, onde uma grande questão geralmente relacionada ao futebol era discutida por meio de duas opiniões contrárias de pessoas ligadas ao esporte (atletas, árbitros, jornalistas e dirigentes). Desta forma, atuava-se no campo da incerteza e na diversidade de

opiniões, procurando demonstrar que o esporte, apesar das regras estabelecidas, não era monolítico, mas sim, polêmico e passível de várias interpretações. O leitor, portanto, era convidado a participar da discussão, ao se posicionar diante de uma ou outra opinião, e a revista pretendia investir no campo da informação, voltada, inclusive, para a formação das ideias sobre o futebol.

Muitas vezes ignorando os demais esportes ou tratando-os como modalidades curiosas e/ou pitorescas, o futebol era o início e o fim da revista. Não só como opção da linha editorial, mas reforçando uma importância muito hierarquizada do futebol em relação aos demais esportes, temos a cobertura de outras modalidades em constante comparação com o principal jogo, como podemos perceber, por exemplo, em uma matéria sobre o handebol:

Handball – Só não vale gol com o pé

*Realmente, os tempos estão mudando. Há poucos anos a gente pegava um livro especializado em esportes, procurava, procurava, e nada de **handball** na jogada. Pois hoje – publicações à parte – quase todas as escolas secundárias brasileiras incluem esse jogo no seu programa de ginástica, entre outros motivos, porque trata-se, simplesmente, de um futebol de salão jogado com a mão, com muitos gols e, importante, jogado com uma bola que quica, pula, de cá pra lá, ou seja, tem pelo menos 80% das emoções do futebol propriamente dito, vida, paixão (e às vezes morte) de todo brasileiro que se preza. (...)(ROCHA, 08/11/1977)⁸*

O handebol, assim como outros esportes cobertos pela revista nesta segunda fase, era visto sob dois prismas: a de subordinação de sua importância diante do futebol e a de ser visto como algo mais curioso do que necessariamente válido como prática desportiva. Mais do que uma exceção, percebemos que este era um padrão editorial, uma opção de cobertura jornalística baseada na comparação, buscando semelhanças na emotividade, mas tratando com muita diferenciação de significação social.⁹

Dentro deste contexto, além de todo o aparato já citado para cobrir o futebol, a revista publicava matérias sobre os craques, com suas famílias, casas e hobbies particulares.¹⁰ Neste caso, a vida privada, por conta da investida da revista, tornava-se pública para os leitores de *Manchete Esportiva*. Estes eram convidados a entrar também na sala de estar, nas piscinas e nos quartos dos jogadores ao visualizarem as imagens em plano ampliado.

Porém, por razões diversas, inclusive a crise mundial do final dos anos 70, o endividamento brasileiro, resultante dos efeitos do “milagre econômico” e a concorrência direta com outra importante e popular revista semanal e esportiva do Grupo Abril, *Placar*,

criada em 1970, além da concorrência indireta com o rádio e a televisão, a revista encontrou seu segundo fim, em 1979.

Diante da crise e para manter títulos como *Manchete* e outras mais lucrativas, como *Ele e Ela*, que apesar do nome era voltada para o público masculino, com imagens de mulheres nuas e seminuas, o Grupo Bloch resolve mais uma vez abandonar a publicação esportiva.

Sobre a influência decisiva dos outros meios de comunicação, podemos concluir que *Manchete Esportiva* conhecia uma realidade controversa: o mesmo campo da imprensa esportiva, que, ao se ampliar, colaborava para criar uma busca incessante por informações sobre o esporte (em especial, o futebol), também limitava o seu raio de atuação. Ou seja, para ficar bem informado, muitas vezes era mais fácil girar um botão do que pagar, na banca, dezoito cruzeiros.

Notas Finais:

¹ Professor e historiador, Mestre em História Social (UERJ/FFP), integra como pesquisador, o SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF) e o NIESE – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sociais sobre Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). É Doutorando em História do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, sob a orientação do Prof. Dr. André Mendes Capraro. Autor da Dissertação de Mestrado: *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011.

² Cabe informar que por conta da linha editorial também utilizar o fotojornalismo, a equipe de fotografia era constituída por 16 profissionais, incluindo o chefe do setor, Gervásio Batista. Assim como Gervásio, Gil Pinheiro também participou da equipe de fotografia da primeira fase da revista. Para uma análise mais detalhada sobre o fotojornalismo, ver: MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.

³ O nome Manchete Esportiva também seria utilizado na televisão (Rede Manchete) para um programa de jornalismo esportivo entre 1983 e 1999.

⁴ Ver BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

⁵ Podemos destacar alguns nomes como Denis Menezes, Waldyr Amaral, Doalcey Camargo, Washington Rodrigues, Rui Carlos Ostermann, José Trajano, Carlos Heitor Cony e, posteriormente, Osmar Santos. A presença de nomes que atuavam nas rádios, nos traz uma grande conclusão: a de que o campo da imprensa esportiva estava intimamente correlacionado com as mídias disponíveis naquele momento. Os profissionais, então, atuavam em várias frentes, que, inclusive, eram concorrentes.

⁶ Percebemos que os espaços na revista para a publicação das crônicas seguiam uma determinada sequência: em cada página, duas colunas eram publicadas. A revista iniciava com uma primeira parte de colunas, logo depois, abriam-se espaços para as matérias fotojornalísticas e, posteriormente, vinha uma nova leva de colunas de crônicas.

⁷ Não nos foi possível aferir, em números, a tiragem da revista. Todavia, acreditamos, por conta de várias características da mesma, como o suplemento para jogos da Loteria Federal, a seção de leitores e o maior número de propagandas nas páginas, de que se a publicação não fosse um grande sucesso de vendas, muito menos não era um fracasso total.

⁸ Além do autor Luiz Gonzaga Dourado Rocha a matéria também era assinada por Airton Quaresma, responsável pelas fotografias.

⁹ Podemos dar outros exemplos como as matérias relacionadas ao boxe tailandês e ao motocross. Sobre este último, destacamos, pelo menos o título: “A louca corrida das máquinas saltadoras”, assinada por Fausto Macieira (texto) e Rolnan Pimenta (fotografias), publicada no nº 5, em 15/11/1977, p. 40-41.

¹⁰ Sobre o referido arsenal de cobertura sobre o futebol, destacamos também a coluna “Dois Toques”, assinada por Renato Sérgio e com a contribuição de vários correspondentes no Brasil, que era caracterizada por pequenas notas sobre os jogos em destaque. Apesar do tamanho pequeno das notícias, a cobertura era detalhada e minuciosa.